



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

JOSÉ REINALDO DA SILVA TORRES

A NOTORIEDADE DA SAGA HARRY POTTER

Araguaína / TO

2022

JOSÉ REINALDO DA SILVA TORRES

A NOTORIEDADE DA SAGA HARRY POTTER

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade artigo apresentado como pré-requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, *campus* de Araguaína, sob a orientação da professora Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus.

Araguaína / TO

2022

JOSÉ REINALDO DA SILVA TORRES

A NOTORIEDADE DA SAGA HARRY POTTER

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade artigo apresentado como pré-requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, *campus* de Araguaína, sob a orientação da professora Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus.

Data da Aprovação: 17 de janeiro de 2023.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus (orientadora - UFNT)

Profa. Dra. Elizabete Barros de Sousa Lima (examinadora, UFNT)

Profa. Dra. Alessandra Cristina Rigonato (examinadora, USP)

Araguaína / TO

2022

Dedico este trabalho a quem acredita em magia.

O sonho é o mito personalizado e o mito é o sonho despersonalizado; [...], mas, nos sonhos, as formas são distorcidas pelos problemas particulares do sonhador, ao passo que, nos mitos, os problemas e soluções apresentados são válidos diretamente para toda a humanidade.

- CAMPBELL

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço minha família, meu pai, minha irmã, meu cunhado, sobrinho, e em especial minha mãe, a pessoa que mais amo em toda minha vida, que esteve no meu lado fazendo tudo que fosse possível para que conseguisse concluir o curso.

Agradeço minha orientadora professora Dra. Andrea Martins por ter me ajudado durante o desenvolvimento deste trabalho, por ter aceitado minhas ideias e compreendido minha visão.

Agradeço meus amigos que durante esses quatro anos foram importantes para aliviar o peso dos momentos difíceis, em especial a minha amiga Juliana, que dividiu comigo todos os sentimentos possíveis que um universitário pode sentir.

Por fim, agradeço por ter concluído essa fase, por descobrir e reafirmado por diversas vezes que tudo acontece por um propósito, mesmo que seja contra vontade, e que compreendo agora que fazemos coisas que não gostamos, e que podemos parar, e será um dos atos mais bravos de se fazer, pois tudo o que você perde, é um passo que se dá.

RESUMO

Este estudo objetivou compreender como se formou e desenvolveu a popularidade em torno da saga de livros *Harry Potter* da autora britânica J. K. Rowling, desde o início da sua primeira publicação. O presente trabalho apresenta sua metodologia em uma pesquisa bibliográfica em torno dos estudos de TODOROV (1939) acerca do fantástico na literatura; a readaptação do método de *Storytelling* “A Jornada do herói” por VOGLER (1992), usado na pesquisa em uma breve análise no livro “*Harry Potter e a Pedra Filosofal*” (2000); assim como presentes críticas literárias sobre a recepção dos livros para o mercado do gênero. A partir de todas as informações obtidas, foi realizada uma reflexão acerca do diferencial presente na narrativa de Rowling e, em como os livros conseguiram chamar atenção convertendo uma legião de fãs e leitores em todo o mundo, permanecendo em destaque para diferentes gerações depois de duas décadas desde sua publicação.

Palavras-chave: *Harry Potter; Literatura; Literatura Fantástica; A jornada do herói.*

ABSTRACT

This study aimed at understanding how the popularity of the *Harry Potter* book saga by British author J. K. Rowling was formed and developed, since the beginning of its first publication. The present work presents its methodology in a bibliographical research around the studies of TODOROV (1939) about the fantastic in literature; the readaptation of the Storytelling method “The Hero's Journey” by VOGLER (1992), used in the research in a brief analysis in the book “*Harry Potter and the Sorcerer's Stone*” (2000); as well as present literary criticisms about the reception of books for the genre market. From all the information obtained, a reflection was carried out on the differential present in Rowling's narrative and, on how the books managed to attract attention, converting a legion of fans and readers around the world, remaining in the spotlight for different generations after two decades since its publication.

Keywords: *Harry Potter; Literature; Fantastic in literature; The Hero' Journey.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	HARRY POTTER E SUA NARRATIVA FANTÁSTICA ATRAVÉS DOS CONTOS DE FADAS	11
3	A JORNADA DO HERÓI	13
3.1	Primeiro passo – O Mundo Comum.....	14
3.2	Segundo Passo – Chamado à Aventura.....	15
3.3	Terceiro Passo - Recusa do Chamado	16
3.4	Quarto Passo – Encontro com o Mentor	16
3.5	Quinto Passo – Travessia do Primeiro Limiar	17
3.6	Sexto Passo – Testes, Aliados e Inimigos.....	18
3.7	Sétimo Passo – Aproximação da Caverna Oculta.....	19
3.8	Oitavo Passo – Provação.....	20
3.9	Nono Passo – Recompensa	21
3.10	Décimo Passo – Caminho de Volta	21
3.11	Décimo primeiro passo – Ressurreição	22
3.12	Décimo segundo passo – Retorno com o Elixir	23
4	A RECEPÇÃO LITERÁRIA E JORNALISTICA DE HARRY POTTER	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25

1 INTRODUÇÃO

Harry Potter virou-se dentro dos cobertores sem acordar. [...], mas ele continuou a dormir, sem saber que era especial, sem saber que era famoso [...] ele não podia saber que, neste mesmo instante, havia pessoas se reunindo em segredo em todo o país que erguiam os copos e diziam com vozes abafadas: — A Harry Potter: o menino que sobreviveu! (ROWLING, 2000b, p. 16)

Em 1980, através de um dos episódios da série “*Cosmos*” transmitida pela rede de televisão norte-americana *PBS*, o escritor e astrônomo Carl Sagan¹, enunciava a importância e fascínio do significado da literatura para a humanidade, em como “um livro é a prova de que os seres humanos são capazes de fazer magia” (SAGAN, 1980). Uma década mais tarde, a frase de Sagan ganharia um dos seus significados mais lacônicos possíveis, quando a escritora britânica J. K. Rowling apresentou ao mundo sua criação literária: *Harry Potter*.

Publicado originalmente em 1997 no Reino Unido, o primeiro livro da saga, nomeado como “*Harry Potter and the Philosopher’s Stone*” (no Brasil “*Harry Potter e Pedra Filosofal*”), começou a despertar uma idolatria em milhares de pessoas por todo o mundo, de uma forma que não era causada há anos por um livro de ficção infanto-juvenil, como publicou o crítico literário Michael Winerip, para o *The New York Times* em 1999. Exemplo do grande sucesso foi após cinco meses da sua publicação, o livro ser reconhecido na maior premiação literária britânica, o *British Book Awards*, ganhando na categoria *Children’s Book of the Year*, algo que se repetiu no ano seguinte para o segundo livro da saga, “*Harry Potter e a Câmara Secreta*” (1998).

No Brasil, sendo publicado dois anos seguintes à sua estreia, o *best-seller* não fez diferente, em pouco tempo conquistou uma legião de fãs, formando filas quilométricas nas livrarias nacionais. A história do menino órfão que morava com os tios e levava uma vida de maus-tratos, se transforma inteiramente quando ele se descobre bruxo no dia do seu aniversário de onze anos, sendo convidado para ingressar em *Hogwarts*². O personagem vê sua vida mudar inteiramente da noite para o dia, descobrindo um incrível mundo mágico, onde as vassouras podem voar, feitiços dos mais diversos podem ser lançados através de uma varinha e, que grandes amigos são reais.

¹ Carl Edward Sagan (1934 – 1996) foi um importante e influente escritor, cientista e astrônomo estadunidense. Em vida fez mais de 600 publicações científicas e escreveu mais de 20 livros sobre Ciência e Ficção Científica.

² A *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*, ou apenas *Hogwarts*, é um internato para alunos presente nas obras ficcionais da série, desenvolvida pela autora.

Os sete volumes ficcionais que compõem a narrativa — publicados entre 1997 e 2007 —, tornaram *Harry Potter* uma das histórias de maior sucesso do mercado editorial mundial, moldando o cenário literário do gênero, de acordo com um artigo publicado pelo importante jornal australiano *ABC*, em 2017, relatando a popularidade e importância das obras. O sucesso dos livros não foi efêmero, ao contrário, segundo a revista *ISTOÉ* (2020), até em 2018, a criação de J. K. Rowling já teria vendido mais de cinco milhões de exemplares apenas no Brasil, número este que surpreende para um país que não apresenta uma cultura desenvolvida em relação à leitura literária. Mundialmente, a coleção ultrapassa a marca das quinhentas milhões de cópias comercializadas, traduzidas para mais de oitenta países.

Podemos compreender que são nítidos o grande sucesso comercial e a popularidade em torno da história do jovem bruxo, o que nos leva a querer entender como se formou esse interesse, e até mesmo fanatismo, acerca da narrativa de J. K. Rowling. Desta forma, caminhamos para a pergunta principal que norteia essa pesquisa: qual o diferencial presente nessa história ficcional destinada inicialmente ao público infanto-juvenil, que conseguiu conquistar uma legião de fãs de diferentes idades e, ainda, se manter popular após vinte anos desde a sua primeira publicação?

A escolha pela análise da saga de livros *Harry Potter* se formou através da dubiedade que acompanha a obra desde a publicação do seu primeiro volume. Ao tempo em que a narrativa faz parte da estante e mesa de cabeceira de milhares de crianças, jovens e adultos por todo o mundo, tornando-se não apenas uma história, mas vista e defendida como um objeto de culto, as críticas negativas publicadas sobre os livros, podem ser igualadas aos números que notoriamente mostram seu sucesso (FRANCISCO; NAKAGOME, 2015).

A pesquisa tem como objetivo central entender a construção dessa narrativa que levou os livros a se tornarem esse grande sucesso literário, observando o diferencial contributivo no conteúdo da ficção; como se formou o consumo desses livros, assim como a importância criada em torno da obra para a literatura contemporânea.

Para compreendermos a discussão do presente artigo, iremos realizar uma análise do gênero narrativo da história; em seguida, utilizaremos a teoria da “Jornada do Herói” readaptada por Christopher Vogler em 1992 com uma breve análise do primeiro livro da série; também utilizaremos passagens jornalísticas e críticas publicadas ao longo dos lançamentos dos livros, com a finalidade de apreender a relevância de *Harry Potter*.

Dado o exposto acima, através dessa pesquisa pretendemos apresentar os caminhos que fizeram a história ficcional *Harry Potter* se tornar conhecida e apreciada por todo o

mundo, assim como os motivos pelos quais os sete livros devem ser vistos como contributivos e valorizados na formação literária de crianças e jovens.

2 HARRY POTTER E SUA NARRATIVA FANTÁSTICA ATRAVÉS DOS CONTOS DE FADAS

A literatura fantástica apresenta um posto muito popular como uma das mais lidas em todo o mundo, perdurando durante o tempo com suas subjetividades alegóricas, criando grandes formas de atração e conquistas a diferentes grupos de leitores. O fantástico, para Todorov (1939), é constituído em uma narrativa quando apresenta uma quebra de acontecimentos considerados naturais no *mundo real*, na qual não se estabelece explicações concretas para tal efeito. A partir desses acontecimentos considerados *estranhos* e *inexplicáveis*, o fantástico é nutrido; dependendo de uma hesitação insolúvel para uma quebra da *normalidade* (GABRIELLI, 2002).

O fantástico ocorre nessa incerteza; ao escolher uma outra resposta, deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 1939, p. 30, 31).

Assim, para Todorov em “*Introdução à literatura fantástica*”, o fantástico é definido como um processo literário em que ocorre estranheza capaz de não ter aclaramento para explicação e normalização do acontecimento. Em seu artigo sobre a literatura fantástica, Mariana Rosa e Michel Silva (2010), trazem um esclarecimento para tal definição, baseadas na pesquisa de Held (1980), sobre como os elementos fantásticos não necessariamente precisam apenas estar ligados a algo complexo ou ser encarado como “fora do normal” ou “algo divino”, “que o fantástico não está separado ou afastado da realidade concreta, pois, ele faz parte desta realidade, sendo, portanto, expressão e produto da imaginação do homem” (ROSA, M. S. S; SILVA, M.G, 2010).

A atração do homem pelo fantástico pode apresentar diversas definições para seu possível surgimento, podemos pensar no ato de contar histórias com o passar das gerações, transmitindo elementos mágicos com um certo exagero para enfatizar detalhes, atos esses bastante presentes no folclore e em lendas antigas. Ao final do século XVIII, essas históricas contendo elementos mágicos e fazendo parte do fantástico — como, por exemplo: fantasia,

ficção científica, etc. —, ganharam uma delimitação, sendo chamadas de *Ficção Especulativa*, segundo John Clute e John Grant (1997).

Certamente, antes do século XVIII havia histórias com elementos fantásticos e ficcionais; John Clute e John Grant em “*The Encyclopedia of Fantasy*”³ (1997), definem essas histórias como “*Taproot Texts*”⁴. Os autores destacam obras da literatura clássica nomeados como *taproot* em seus registros, como, por exemplo, a “*Ilidia*” e a “*Odisseia*” de Homero, com datação aproximada do século VIII a.C.

Essa atração pelo fantástico também ganha projeção se olharmos o contato do homem com o *estranho* e o maravilhoso que a narrativa apresenta, o induzindo a querer saber mais sobre o que se pode ser encontrado entre as linhas da história, que acontecimentos sem explicações — que fogem totalmente da sua realidade — ainda podem ocorrer nas páginas de um livro. Existe um momento de hesitação entre o leitor e a história, momento esse que gera conflitos atrativos para continuar a leitura, como destaca Todorov:

O fantástico [...] dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da “realidade”, tal qual existe na opinião comum. No fim da história, o leitor, quando não a personagem, toma, contudo, uma decisão, optar por uma ou outra solução, saindo desse modo do fantástico (TODOROV, 1939, p. 47).

Essas narrativas, com o passar do tempo, ainda garantem seus espaços nas livrarias e na mente de diversas pessoas, conquistando e exercendo um forte papel de sedução aos leitores. As obras da série *Harry Potter*, classificadas como narrativas fantásticas, apresentam as características que acima foram destacadas, e, dessa forma, podemos compreender um dos elementos que contribuíram para tamanha popularidade e aceitação dos livros em todo o mundo, assim, também, como podemos destacar características presentes nos *contos de fadas*.

As interpretações fantásticas garantiram e continuam garantindo seu espaço entre os leitores com o passar do tempo, com suas inúmeras histórias de teor fantástico. Esse percurso, ao longo das gerações, por todo o mundo, deu espaço ao surgimento de diferentes variedades de narrativas de influência do fantástico, como, por exemplo: narrativas heroicas, dramáticas, eróticas e, destacando uma em particular, *os contos de fadas*.

³ “*The Encyclopedia of Fantasy*” é uma enciclopédia de referências publicada em 1997 por John Clute e John Grant, trazendo diversas definições para termos da ficção e fantasia.

⁴ “*Taproot Texts*” (tradução: “texto raiz”), é uma fantasia que se ramifica em milhares de outras fantasias – (referindo-se ao díptico Curdie e Irene de George MacDonald). Professor desconhecido, *Universidade de Glasgow* (2010).

Todorov (1975), apresenta os *contos de fadas* como aqueles cujos seres e acontecimentos de natureza mágica não despertam dúvidas ou diferentes questionamentos em sua narrativa quando apresentados, pois, integram o sobrenatural ao universo daquele texto presente. Também apresentamos a definição da autora Nelly Coelho, que, em seu livro “*O conto de Fadas*” (1987), traz uma significação para o gênero de uma forma bem clara e compreensível:

Com ou sem a presença de fadas (mas sempre com o maravilhoso), seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida etc.) e tem como eixo gerador uma problemática existencial. Ou melhor, têm como núcleo problemático a realização essencial do herói ou da heroína [...]. (COELHO, 1987, p. 13)

Um conto de fadas, assim classificando uma narrativa, expõe um mundo paralelo, ou com características e acontecimentos que não fariam parte do mundo *real*. Esse segundo mundo, ou essas outras características e forças, apresenta um fantástico aceitável e entendido, o que, por exemplo, acontece em toda a narrativa de *Harry Potter*, em seus sete livros, quando temos no desenvolvimento de toda sua narrativa em um mundo mágico criado pela autora, na qual o personagem atua, incorporado ao mundo normal, assim definido.

Os contos de fadas também apresentam uma forte ligação à figura de um herói, “a superação de numerosos obstáculos em busca de um determinado objetivo, como o crescimento pessoal, um tesouro, um amor, entre outros” (ROSA, M. S. S; SILVA, M.G, 2010), desse modo, *Harry Potter* ganha seu espaço de análise e explicações através da Jornada do Herói, famoso método de *storytelling*. Podemos entender que *os contos de fadas* representam um conteúdo moral em sua narrativa, buscando a solução de um conflito, trazendo a sensação de entusiasmo e euforia para o leitor, dependendo, claro, da época e historicidade na qual foi publicado e escrito.

3 A JORNADA DO HERÓI

O fascínio literário da narrativa de *Harry Potter* pode ser analisado através da teoria da Jornada do Herói, método de *storytelling* desenvolvido pelo antropólogo Joseph Campbell, presente no livro “*O Herói de Mil Faces*” (1949). A teoria desenvolvida por Campbell foi baseada em estudos voltados ao significado dos heróis míticos, dentro de mitos e religiões de diversas civilizações. Campbell conseguiu encontrar uma fórmula única presente nessas

narrativas, uma estrutura a qual faz a personagem central da história se tornar ou ser vista como um herói.

Décadas depois, a teoria veio se tornar amplamente popular, sendo utilizada por muitos escritores e roteiristas, quando o escritor e diretor Christopher Vogler, a trouxe readaptada e *mais acessível*, em 1992, na publicação do livro “*A Jornada do escritor: Estruturas míticas para novos escritores*”. Vogler readaptou toda a linha de pesquisa de Campbell, tornando-a mais palpável, redirecionando a Jornada do Herói — ou *monomito* —, em doze estágios que o protagonista daquela narrativa precisa atravessar para que sua história seja contada e desenvolvida, assim, criando um enredo consistente e atraente para quem esteja lendo ou assistindo. Para formar essa análise, utilizaremos trechos do primeiro livro da saga *Harry Potter*, “*Harry Potter e a Pedra Filosofal*”, para apresentar uma breve análise em paralelo à teoria da Jornada do Herói no livro de Vogler.

É importante lembrarmos que ao escrever o primeiro livro da saga, J. K. Rowling já havia traçado todos os acontecimentos que estariam presentes nos sete livros, desse modo, as passagens destacadas presentes na trama do primeiro volume da série, que serão utilizadas em comparação a Jornada do Herói, podem ser encontradas nos títulos seguintes, transmitidas com mais desenvolvimento e intensidade, dando prosseguimento à teoria de Campbell.

3.1 Primeiro passo – O Mundo Comum

O primeiro ato, apresentado por Vogler para a construção da Jornada do Herói, se dá apresentando **O Mundo Comum**; nessa fase de abertura, a narrativa apresenta o universo que irá se formar aquela história, assim como todo o direcionamento para o funcionamento das personagens.

Como muitas histórias são viagens que levam os heróis e as plateias para Mundos Especiais, a maioria delas começa estabelecendo um Mundo Comum como base para a comparação. O Mundo Especial de uma história só é especial se puder ser contrastado a um mundo cotidiano, com as questões de todo dia, das quais o herói é retirado. O Mundo Comum é o contexto, a base, o passado do herói. (VOGLER, 2006, p. 95)

Como mencionado anteriormente, o mundo de *Harry Potter* se apresenta de maneira gradual em seus livros, porém, no primeiro título da saga, o indicativo de mundo comum da narrativa é encontrado na primeira página da obra, quando a autora apresenta os tios de Harry; o lugar onde ele foi deixado após a morte dos pais, e que viveria pelos anos seguintes.

O Sr. e a Sra. Dursley, da rua dos Alfeneiros, no 4, se orgulhavam de dizer que eram perfeitamente normais, muito bem, obrigado. Eram as últimas pessoas no mundo que se esperaria que se metessem em alguma coisa estranha ou misteriosa, porque simplesmente não compactuavam com esse tipo de bobagem. (ROWLING, 2000, p. 8)

A construção da narrativa de *Harry Potter* se forma através de dois mundos que coincidem: o mundo da magia, formado por bruxos e diversos seres mágicos, e o mundo dos “trouxas”, ou das pessoas que não possuem nenhuma habilidade mágica. Os dois mundos, na narrativa de Rowling, existem simultaneamente, não há um portal que os divide; o mundo bruxo está presente no mundo dos não-mágicos, podendo ser acessado e visto apenas através de magia e encantamentos. Harry participa de ambos, pois, após todo o fim do ano letivo em *Hogwarts*, nas férias, ele precisa retornar para a casa dos tios no mundo “trouxa”.

3.2 Segundo Passo – Chamado à Aventura

A caminhada do herói começa a ganhar forma através da segunda etapa, o **Chamado à Aventura**, como destaca Vogler:

O Chamado à Aventura pode vir sob a forma de uma mensagem ou um mensageiro. Pode ser um acontecimento novo, como uma declaração de guerra [...] também pode ser apenas algo que se agita dentro do herói, um mensageiro do inconsciente, que traz a notícia de que chegou a hora de mudar. Esses sinais, às vezes, vêm em forma de sonhos, fantasias ou visões. (VOGLER, 2006, p. 108 e 109)

O Chamado à Aventura, se caracteriza como o acontecimento que levará a personagem ao primeiro grande movimento da sua narrativa; no primeiro livro da saga, esse passo se forma quando Harry recebe sua primeira carta da *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*.

[...] *uma carta para Harry*. Harry apanhou-a e ficou olhando, o coração vibrando como um elástico gigante. Ninguém, jamais, em toda a sua vida, lhe escrevera. Quem escreveria? Ele não tinha amigos, nem outros parentes – não era sócio da biblioteca, de modo que jamais recebera sequer os bilhetes grosseiros pedindo a devolução de livros. Contudo, ali estava, uma carta, endereçada tão claramente que não podia haver engano. O envelope era grosso e pesado, feito de pergaminho amarelado e endereçado com tinta verde-esmeralda. Não havia selo. Quando virou o envelope, com a mão trêmula, Harry viu um lacre de cera púrpura com um brasão; um leão, uma águia, um texugo e uma cobra circulando uma grande letra “H”. (ROWLING, 2000, p. 25)

Nessa etapa, é quando surge o primeiro contato da personagem ao mundo especial, nesse momento, Harry encontra-se extremamente surpreso por supostamente alguém ter enviado uma carta para ele, uma carta enviada diretamente de *Hogwarts* através de uma coruja correio, algo extremamente anormal para o mundo dos trouxas.

3.3 Terceiro Passo - Recusa do Chamado

Na composição de Vogler, existe o momento em que a personagem precisa sair do seu mundo comum para iniciar sua aventura, muitas vezes, esse momento acontece de uma forma negativa, quando o herói simplesmente se nega a sair de sua zona de conforto para se aventurar em algo desconhecido.

Essa recusa se mostra extremamente necessária, justamente para ocorrer uma ligação com o público, mostrando como o herói pode se mostrar vulnerável e com medo do desconhecido, assim como servir de alerta narrativo para os perigos que o mundo especial pode apresentar.

Enquanto muitos heróis manifestam medo, relutância ou recusa, nesse estágio, outros não hesitam e não mostram nenhum medo. São os *heróis voluntários*, que aceitaram, ou até procuraram, o Chamado à Aventura. [...] Outros personagens manifestarão medo, advertindo o herói e o público sobre o que pode vir a acontecer no caminho futuro. (VOGLER, 2006, p. 118)

Em *Harry Potter*, a recusa, no primeiro livro, ocorre através do seu tio Válter, quando tenta impedir de todas as formas que Harry leia alguma das cartas que *Hogwarts* está enviando, pois, ele já tinha um breve conhecimento sobre o mundo da magia, através dos falecidos pais de Harry e, havia jurado que colocaria um ponto final em toda essa história.

Na sexta-feira chegaram nada menos de doze cartas para Harry. Como não passavam pela portinhola da correspondência tinham sido empurradas por baixo da porta, metidas pelos lados e algumas até forçadas pela janelinha do banheiro no térreo. Tio Válter ficou em casa de novo. Depois de queimar todas as cartas, apanhou martelo e pregos e fechou com tábuas as frestas em volta das portas da frente e dos fundos, de modo que ninguém pudesse sair. (ROWLING, 2000, p. 28)

A recusa, nesse caso, se dá como interdito, por partes de forças contrárias (família adotiva de *Harry*), ao Chamado para a Aventura, entendida não apenas perigosa, mas alvo do desgosto e da incompreensão daqueles que não receberam o mesmo chamado.

3.4 Quarto Passo – Encontro com o Mentor

O herói terá um primeiro contato com o Mentor, que se trata de uma outra personagem da trama que irá auxiliar o herói nessa jornada de aventura, assim como repassar todos os conhecimentos possíveis para que o herói se sinta confiante para adentrar o Mundo Especial, e possivelmente, aceitar o convite para sua jornada, caso tenha recusado na etapa anterior.

[...] essa preparação pode ser feita com a ajuda da figura sábia e protetora do *Mentor*, cujos inúmeros serviços ao herói incluem a proteção, orientação, experimentação, treinamento e fornecimento de dons ou presentes mágicos. [...] sua função exata é fornecer ao herói algo de que ele vai precisar na jornada. O Encontro com o Mentor é o estágio da Jornada do Herói em que este recebe as provisões, o conhecimento e a confiança necessários para superar o medo e começar sua aventura. (VOGLER, 2006, p. 123)

O mentor de Harry no primeiro livro é Rúbeo Hagrid, um gigante barbudo que trabalha em *Hogwarts*. Seu primeiro contato com o garoto é quando vai buscá-lo para levá-lo à escola. Hagrid entrega para Harry uma das cartas que tio Válter nunca o deixou ler, revelando assim que o garoto é um bruxo; o gigante tenta explicar ao máximo para o jovem sobre o mundo da magia, sobre o verdadeiro motivo da morte dos seus pais, e que seu destino era estudar na maior escola de magia e bruxaria de todos os tempos.

— Harry, você é um bruxo. O casebre mergulhou em silêncio. Ouviam-se apenas o mar e o assobio do vento. — Eu sou o *quê?* — ofegou Harry — Um bruxo, é claro — repetiu Hagrid, recostando-se no sofá, que gemeu e afundou ainda mais —, e um bruxo de primeira, eu diria, depois que receber um pequeno treino. Com uma mãe e um pai como os seus, o que mais você poderia ser? E acho que já está na hora de ler a sua carta. Harry estendeu a mão finalmente para receber o envelope meio amarelo [...] ESCOLA DE MAGIA E BRUXARIA DE HOGWARTS [...] *Prezado Sr. Potter, Temos o prazer de informar que V. Sa. tem uma vaga na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. Estamos anexando uma lista dos livros e equipamentos necessários. O ano letivo começa em 1 de setembro. Aguardamos sua coruja até 31 de julho, no mais tardar. Atenciosamente,* Minerva McGonagall, Diretora Substituta. (ROWLING, 2000, p. 34)

Além de Hagrid, seu primeiro mentor e amigo, a figura do mentor se desdobrará, futuramente na série, em alguns dos diversos professores da escola, como o professor Dumbledore.

3.5 Quinto Passo – Travessia do Primeiro Limiar

Após o herói sentir-se confiante sobre tudo o que está à sua frente, chega o momento de adentrar sua nova jornada. A **Travessia do Primeiro Limiar** se destaca como o momento em que a personagem irá sair do Mundo Comum para participar do Mundo Especial.

Agora o herói está parado junto ao limiar do mundo da aventura, o Mundo Especial do segundo ato. Ouviu o Chamado, manifestou suas dúvidas e apreensões, superou-as e já fez todos os preparativos. Mas o movimento real, a ação crucial do primeiro ato, ainda falta ser realizada. A *Travessia do Primeiro Limiar* é um ato voluntário, pelo qual o herói se compromete integralmente com a aventura. (VOGLER, 2006, p. 132)

Para a narrativa de *Harry Potter*, como mencionado anteriormente, o mundo bruxo acontece simultaneamente ao mundo dos “trouxas”, de maneira que ele só pode ser acessado por feitiços e truques mágicos, desse modo, o momento da travessia de *Harry* acontece quando seu mentor, Hagrid, o leva para o Beco Diagonal, uma área bruxa de compras, que já faz parte inteiramente do Mundo Especial, para que ele consiga comprar todos os materiais para o ano escolar em *Hogwarts*.

– Bem-vindo – disse Hagrid – ao Beco Diagonal. Ele riu do espanto de Harry. Atravessaram o arco. Harry deu uma espiada rápida por cima do ombro e viu o arco encolher instantaneamente e virar uma parede sólida. O sol refulgia numa pilha de caldeirões à porta da loja mais próxima. *Caldeirões – Todos os Tamanhos – Cobre, Latão, Estanho, Prata – Automexediço – Dobrável*, dizia um letreiro acima. [...] Harry desejou ter oito olhos. Virava a cabeça para todo o lado enquanto caminhavam pela rua, tentando ver tudo ao mesmo tempo: as lojas, as coisas às portas, as pessoas fazendo compras. (ROWLING, 2000, p. 45)

A travessia de Harry se formou quando Hagrid utilizando seu guarda-chuva mágico, tocou três vezes no muro de tijolos nos fundos de um bar bruxo, chamado *Caldeirão Furado*, desse modo, abriu-se um portal para esse conjunto de lojas de artefatos bruxos, sendo o primeiro contato mais completo de Harry ao Mundo Especial. Vale notar, no entanto, a analogia entre a busca por materiais escolares de *Hogwarts* e este mesmo momento na vida do leitor ideal da obra, em faixa etária escolar, já indicando que o mundo de Aventura se passará em uma escola, com professores, aulas e tarefas, criando a mistura do familiar e do fantástico alcançada pela obra.

3.6 Sexto Passo – Testes, Aliados e Inimigos

No sexto passo da Jornada do Herói, a personagem, já inserida no Mundo Especial, começa a passar por uma série de etapas, vistas como testes, mas também necessárias para que continue a progressão de acontecimentos em sua narrativa.

Agora, o herói entra por completo no Mundo Especial misterioso e excitante que Joseph Campbell chama de "uma paisagem de sonho, de formas curiosamente ambíguas e fluidas, onde ele deve sobreviver a uma sucessão de provações". É uma

experiência nova e, às vezes, assustadora para o herói. Não importa quantas escolas ele frequentou: ali ele é, absolutamente, um calouro neste novo mundo. (VOGLER, 2006, p. 138)

Esse estágio se assemelha ao momento em que Harry já está estudando em *Hogwarts*, familiarizado com boa parte do mundo mágico. Nesse processo, Vogler destaca que o herói irá criar laços de amizade com personagens que irão auxiliar o herói em sua jornada; aqui destacamos o início da grande amizade de Harry com Hermione Granger e Ronald Weasley, personagens extremamente necessários na narrativa de Rowling, que estarão ao lado de Harry em todos os sete livros da saga.

Nesse caminho, o herói também conhecerá suas inimizades e inimigos, destacamos no primeiro livro Draco Malfoy, estudante do mesmo ano de Harry, que sempre se mostrará contrário ao herói, mas não necessariamente essa personagem precisa ser uma sombra para a jornada do herói, como comenta Vogler, muitas vezes é apenas alguém que faz parte dessa aventura e, que o herói vez ou outra precisará enfrentar.

Harry também terá conhecimento do seu maior inimigo, Lord Voldemort, que além de ter matado seus pais e falhado na tentativa de matar Harry ainda bebê — o que gerou toda a fama de Harry no mundo mágico, sendo conhecido como “O garoto que sobreviveu” —, também assombra o mundo bruxo, de modo que faz com que seu nome dificilmente seja mencionado, em sua maioria sendo falado apenas como “*Você-Sabe-Quem*”. Esse embate se desenvolverá ao longo de toda narrativa presente nos sete livros da saga, utilizando-se de provas e obstáculos que também compõem essa fase de teste.

3.7 Sétimo Passo – Aproximação da Caverna Oculta

No sétimo estágio da Jornada do Herói, Vogler comenta que nessa fase a personagem enfrentará algumas provas e dificuldades que testarão sua determinação, tentando impedir o progresso do herói em sua jornada, para que desse modo, ocorra o desenvolvimento para o próximo passo, a Provação.

Os heróis, depois de se adaptarem ao Mundo Especial, agora seguem para o seu âmago. Passam para uma região intermediária, entre a fronteira e o próprio centro da Jornada do Herói. No caminho, encontram outra zona misteriosa, com seus próprios Guardiões de Limiar, seus próprios testes. É a *Aproximação da Caverna Oculta*, onde, finalmente, vão encontrar a suprema maravilha e o terror supremo. É hora dos preparativos finais para a provação central da aventura. (VOGLER, 2006, p. 146)

Para esse estágio, destacamos os momentos em que *Harry*, ao lado dos seus amigos Hermione e Ronald, descobrem sobre os poderes da Pedra Filosofal⁵ — peça chave para a narrativa do primeiro livro —, e tentam impedir que o inimigo de Harry, Lord Voldemort, consiga capturá-la, com ajuda do professor Quirino Quirrell⁶. Nesse momento, os três amigos precisam passar por estágios até conseguirem chegar ao local onde a pedra está escondida; primeiro, enfrentam um cão gigante de três cabeças, em seguida, atravessam um campo de visgo-do-diabo⁷, assim, também, como enfrentam chaves-voadoras e uma batalha de xadrez de bruxo gigante.

Todas essas fases são vistas como testes para *Harry* e seus amigos conseguirem chegar à Pedra Filosofal, testando não apenas a determinação, coragem e sabedoria do garoto, mas também como a dos seus amigos. Após todos os acontecimentos, *Harry* encontra-se sozinho com seu grande inimigo, Lord Voldemort, que até o momento, é apenas uma espécie de parasita no corpo do professor Quirrell.

3.8 Oitavo Passo – Provação

Agora, o herói está no aposento mais profundo da Caverna Oculta, enfrentando o maior desafio e o mais temível adversário. Este, sim, é o âmago da questão, o que Joseph Campbell chamou de *Provação*. É a mola mestra da forma heroica, a chave de seu poder mágico. (VOGLER, 2006, p. 157)

Nessa etapa, o herói vai enfrentar seu inimigo, seu medo, a sua sombra. Ele irá colocar em prática tudo que lhe foi ensinado ao longo de sua jornada, mas o herói precisa enfrentar sua Provação sozinho, o que destaca esse passo na Jornada do Herói, pois, nesse momento, ocorre a morte, característica muito importante para Vogler. Esse momento da morte pode ser algo literal ou figurativo, o momento em que o herói sacrifica seu ego arriscando-se sua vida para enfrentar seu inimigo.

O momento em que o herói está dentro da sua Caverna Oculta, é onde ele precisa enfrentar o seu maior medo — ou um dos maiores —, assim, ocorre o momento da Provação. Nesse momento da narrativa do primeiro livro, *Harry* — já sozinho, sem seus amigos —, encontra-se com Lord Voldemort, seu maior inimigo, essa comunicação e encontro dos dois

⁵ A Pedra Filosofal é uma pedra artificial com propriedades mágicas. Podendo ser usada para criar o Elixir da Vida, que estende a vida útil do bebedor, bem como transformar qualquer metal em ouro puro.

⁶ *Quirino Quirrell* é professora de Defesa contra as Artes das Trevas no primeiro volume da série de livros de *Harry Potter*, ao fim do livro, revela-se como inimigo de *Harry Potter*, obedecendo e seguindo as ordens de *Lord Voldemort* para conseguir a Pedra Filosofal.

⁷ Planta rasteira com tentáculos que odeia luz e calor, quem a toca pode ser estrangulado até a morte.

ocorre com intermediação do professor Quirrell, pois, Lord Voldemort, ainda muito fraco, precisa da estrutura física do professor para conseguir se manifestar. Harry, após entender os planos de Voldemort, o enfrenta, vencendo a batalha, porém, não o matando, assim, Lord Voldemort consegue escapar.

Vogler comenta essa passagem, em como a Aprovação pode vir seguida da morte ou quase morte do inimigo, assim, como também ele pode escapar, “o herói pode ferir o vilão, na Provação, ou matar um subalterno do vilão. Nesse caso, o vilão principal escapa, para um futuro enfrentamento [...]” (VOGLER, 2006, p. 166). Vencer a provação nos leva diretamente ao passo seguinte, a Recompensa.

3.9 Nono Passo – Recompensa

Após o herói enfrentar seu inimigo — ou seu grande desafio —, possivelmente vencendo a morte e todos seus defeitos, ele será recompensado recebendo o prêmio — o elixir —, nessa fase, o herói alcança o que tanto estava procurando. Vogler comenta como o herói passa por um momento de apoteose, ou epifania, pois, sua visão sobre todos os acontecimentos enfrentados muda, passando a olhar de maneira diferente sobre o mundo após conquistar o que buscava.

Um dos aspectos essenciais dessa etapa é que o herói toma posse daquilo que veio procurar. Os caçadores de tesouro pegam o ouro, os espões roubam o segredo, os piratas ocupam o navio capturado, o herói inseguro adquire a autoestima, o escravo passa a controlar seu próprio destino. Foi feita uma transação — o herói correu risco de vida ou sacrificou sua vida, e agora ganha algo em troca. (VOGLER, 2006, p. 178, 179)

Em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, o momento da Recompensa para o herói é justamente quando Harry consegue encontrar a Pedra Filosofal, impedindo que seu inimigo Lord Voldemort, consiga possuí-la. Logo após, existe um momento a qual podemos assemelhar a ideia de apoteose que Vogler destaca, quando Harry ainda na enfermaria relata para seus amigos o que aconteceu entre ele e Voldemort, recebendo uma reação de espanto e valorização pelo que fez.

3.10 Décimo Passo – Caminho de Volta

Após celebrar e assimilar as lições e recompensas da grande Provação, os heróis enfrentam uma escolha: ficar no Mundo Especial ou iniciar a volta para casa, numa jornada ao Mundo Comum. Muito embora o Mundo Especial possa ter seus

encantos, poucos heróis decidem ficar. A maioria toma o *Caminho de Volta*, regressando ao ponto de partida ou continuando a jornada para um local totalmente diverso ou uma destinação final. (VOGLER, 1998, p. 187)

O décimo ato da Jornada do Herói é bastante simples, é o momento em que o herói se recupera para voltar ao seu Mundo Comum. Vogler comenta que nessa etapa pode ocorrer alguma reviravolta enquanto a personagem retorna para seu mundo inicial, ou se ele decide trilhar novos caminhos.

Para Harry, seu preparo para o mundo dos trouxas se dá de maneira bem quieta e simples, quando ele apenas se recupera na enfermaria da escola, após a batalha com Voldemort, assim como aguarda os últimos acontecimentos para encerrar o ano letivo em *Hogwarts*.

3.11 Décimo primeiro passo – Ressurreição

No penúltimo passo da Jornada do Herói, Vogler nos apresenta a ressurreição. Nessa etapa, o herói tem seus esforços reconhecidos e contemplados, não só apenas por conseguir seu elixir na batalha final, mas também por todos a sua caminhada nessa aventura. A ressurreição pode vir através de um grande momento de Clímax, como uma batalha, duelo, ou o Clímax tranquilo, que pode apresentar um momento romântico, autorreflexivo.

[...] não precisa ser o momento mais explosivo, dramático, alto e perigoso da história. Existe algo que é um *clímax tranquilo*, o coroamento suave de uma onda de emoção. Esse tipo de clímax pode dar a sensação de que todos os conflitos se resolveram harmoniosamente, e todas as tensões converteram-se em sentimentos de prazer e paz. Depois que o herói experimentou a morte de alguém que ele amava, pode haver um clímax tranquilo de aceitação ou compreensão. (VOGLER, 2006, p. 200)

Para Harry, esse momento de reconhecimento e coroamento acontece quando ele e seus amigos recebem pontos e tem seus feitos reconhecidos por Alvo Dumbledore, diretor de *Hogwarts*, dessa forma, garantindo A Taça das Casas para Grifinória⁸, prêmio esse dado a casa com maior numeração de pontos ganhos durante o ano letivo, por meio atividades e bom desempenho dos alunos.

⁸ *Grifinória* é uma das quatro casas pertencentes à *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*, sendo elas: *Sonserina*, *Corvinal*, *Lufa-Lufa* e *Grifinória*. No início do primeiro ano, os alunos são divididos para cada uma das casas de acordo com as características e habilidades, de acordo com o chapéu-seletor.

3.12 Décimo segundo passo – Retorno com o Elixir

Tendo sobrevivido a todas as provações e passado pela morte, os heróis regressam a seu ponto de partida, voltam para casa ou continuam a Jornada. Mas prosseguem com a sensação de que estão começando uma nova vida, que, por causa do caminho que acabaram de percorrer, jamais voltará a ser como antes. (VOGLER, 2006, p. 211)

A última etapa da Jornada do Herói se mostra bem compreensível através do título, é o momento em que o herói retorna para casa após toda sua aventura. Após enfrentar seu inimigo, assim como a morte, ele perde o medo de morrer, assim como demonstra toda sua evolução interior provocada por todas as etapas que enfrentou durante esse percurso. Mas essa evolução é demonstrada por meio de atitudes e de um progresso mais gradativo.

A volta de Harry para o Mundo Normal é marcada em todos os sete volumes da série, pois, ao fim de cada ano letivo em *Hogwarts*, o garoto precisa retornar para a casa dos tios. Esse momento sempre se torna algo sombrio para Harry, porém, ele sempre aguarda ansioso por mais um ano em *Hogwarts*.

4 A RECEPÇÃO LITERÁRIA E JORNALÍSTICA DE HARRY POTTER

Os lançamentos dos livros de *Harry Potter* receberam muitos rótulos no período de suas publicações. Os sete volumes da saga chamaram atenção de diversos veículos da mídia que posicionavam suas diferentes denominações à obra. Essas posições se dispersavam entre críticas negativas à escrita de Rowling, ou em sua maioria, positivas, o que claramente favoreceu o crescimento da construção da narrativa.

Existia uma previsão para o sucesso da trama, que os futuros livros poderiam trazer algo de diferente no mercado literário e, foi justamente o que aconteceu. O sucesso comercial dos livros de *Harry Potter* no início dos anos 2000 conseguiram movimentar o mercado do gênero, como relata Farah Mendlesohn e Edward James em *A Short History of Fantasy* (2009):

Não há dúvida de que houve mais oportunidades para escritores de fantasia para crianças e adolescentes nos anos 2000 do que em qualquer outra década anterior, e que grande parte desta oportunidade veio do enorme sucesso de J.K. Rowling. Os editores procuravam de forma bastante consciente outro sucesso. (JAMES, MENDLESOHN, 2009, p. 173)

A proporção dos livros com o passar do tempo foi se dando por diferentes formas construídas por denominações que a obra ganhava, elas se formavam através do público alvo

dos livros — crianças e adolescentes —, ou através dos números a qual se envolvia, em vendas ou bilheteria, de todo modo, os livros de Rowling também mantinham seu espaço para os que não defendiam e consideravam dispensável *Harry Potter* para literatura, como se posicionou Harold Bloom, importante crítico literário, para uma entrevista à revista VEJA (2001).

Veja – Por que não ler os livros de J.K. Rowling, a autora de Harry Potter? Bloom – Li apenas uma das obras dessa autora. A linguagem é um horror. [...] o livro inteiro é assim, escrito com frases desgastadas, de segunda mão. Escrevi uma resenha para o Wall Street Journal falando mal de Harry Potter. A polêmica foi imediata. Foram enviadas mais de 400 cartas me xingando de todos os nomes. A defesa de livros ruins como esses, que vem de todos os lados – dos pais, das crianças, da mídia –, é muito inquietante e nem um pouco saudável. (VEJA, 2001)

Toda popularidade e relevância de Bloom como crítico no mercado literário de alguma forma conseguiu chamar atenção de um público para tentar entender o porquê ele se colocava em contraposição a uma das obras literárias mais populares da época. Essa concepção pode ser formada através de diversos parâmetros, que ainda são defendidos e refeitos por quem não aprova os livros. Torna-se válido não gostar e não fazer parte da sua estante, ou muito menos ser o seu gênero preferido, mas qual a intensidade do “não gostar” pode ser aceita como argumento completo para ignorar a clara importância da obra?

Sissa Jacoby em sua pesquisa sobre o prazer da leitura, defende sobre como *Harry Potter* deve ser apreciado e defendido, não por sua popularidade, mas através do impacto cultural e educacional que os livros exercem socialmente, principalmente no Brasil com a baixa leitura entre um público mais jovem:

Em meio ao panorama atual da produção cultural para a criança, principalmente no Brasil, país onde a preocupação com a leitura é uma constante entre pais, educadores e instituições governamentais, um fenômeno como Harry Potter é, sem dúvida alguma, uma grata surpresa e um aceno esperançoso para a difusão do hábito de leitura entre os jovens [...].” (JACOBY, 2013, p. 192.)

O descobrimento do prazer literário pode ser visto como dificultoso e restrito ao cenário tecnológico em que vivemos atualmente, anos atrás, essa atração por *Harry Potter* ganhava uma veemência por ser considerado algo novo e diferente, na atualidade, lidamos com uma curva mais entusiasta e curiosa para entendermos como essa popularidade ainda se mantém em alta.

Primeiro é preciso que o leitor descubra que ler é prazeroso. Só assim, acabará descobrindo também que ler é um ato de desvendamento de si e do mundo, de autoconhecimento e de aquisição de sabedoria [...] E para quem descobrir isso não haverá textos difíceis, desde que consigam falar do homem ao homem. Harry Potter

faz isso. Fala da criança à criança. E faz um pouco mais. Fala ao adulto também.” (JACOBY, 2013, p. 193.)

Jacoby apresenta a visão de que as obras de Rowling trazem essa comunicação próxima com o que vivemos, seja para a criança, como também para o adulto, que consegue se comunicar e se ver através dos acontecimentos entre as dezenas de páginas sobre magia. Em 1997, após a publicação do primeiro livro, o jornal escocês *The Scotsman* publicou uma matéria destacando a obra, comentando que o diferencial daquele livro para tantos outros de fantasia, era justamente a sua grande relação com a nossa realidade.

“Na verdade, são muitos e muito bem selecionados os ingredientes que J. K. Rowling misturou no caldeirão mágico que deu origem às histórias de Harry Potter. Sentimentos universais como amor, companheirismo, amizade, medo, maldade, solidariedade, a eterna luta entre o bem e o mal comparecem mesclados com poderes mágicos, bruxarias, feitiços, numa rotina escolar que, embora se assemelhe à rotina da vida real de crianças, criando situações inusitadas de fantasia, aventura e suspense em que as soluções não são aquelas com as quais o leitor está acostumado a lidar no dia a dia do mundo convencional.” (JACOBY, 2013, p. 190)

A personagem de *Harry*, durante toda a trama, se põe o mais próximo da nossa realidade quanto possível, ao que se esperava, ou se presumia, lidamos com um personagem que vai além da magia e bruxaria criada por Rowling durante a narrativa, é uma atualização do herói ficcional para uma reflexão da atualidade. Os aspectos do jovem que a cada livro enfrenta dilemas existenciais à medida que cresce, assim como decide quais atitudes tomar, ao modo como frequentemente está sozinho, representa uma figura contemporânea.

Sobre a posição de Bloom em relação à escrita de Rowling, podemos considerar como uma particularidade do crítico em relação aos primeiros títulos da saga que ganharam uma classificação infanto-juvenil nos seus lançamentos. É necessário ressaltar que os livros ganham uma complexidade em suas narrativas a cada volume, e essas mudanças ocorrem justamente com o intuito de acompanhar o crescimento dos personagens, assim, claro, como trazer uma proximidade a faixa etária da maioria dos leitores que foram crescendo conforme os lançamentos ocorriam na época.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As vias escolhidas para compor essa pesquisa demonstram que podemos chegar a algumas conclusões sobre como se formou a popularidade dos livros de *Harry Potter*, sobre como esse diferencial presente na construção dessa narrativa foi e continua sendo atrativa o

suficiente para todos esses leitores em diferentes gerações e momentos, assim como para considerar esses livros uma literatura válida.

Por meio da fantasia, *Harry Potter* se mostra capaz de apresentar um espaço literário de acolhimento e compreensão para seus leitores, muito mais que uma construção infanto-juvenil, o que levou milhares de crianças, jovens e adultos a se debulharem em centenas de páginas e enfrentar filas em livrarias, foi justamente a ideia de existir um lugar que pudesse haver magia e aventuras, o mais próximo da realidade vivida possível. A função da magia ao lado do realismo é um dos papéis que eleva a popularidade dessa história: existe uma rotina escolar, existem conflitos familiares e problemas pessoais, existe uma construção de laços afetivos e emocionais que qualquer pessoa pode enfrentar, assim também como simultaneamente, existe a fantasia dos contos de fadas mostrando que, no final, sempre há soluções.

Podemos olhar a ideia de que *Harry Potter* se tornou um *best-seller* através de fórmulas de construção literária ou de roteiro, sem que isso se torne desedificante. Vogler, por todos os métodos e regras que apresenta na Jornada do Herói, informa como uma narrativa pode conquistar um leitor/ouvinte, justamente por passos que podem se assemelhar com o contemporâneo em que vivemos, em como uma história não necessariamente precisa estar longe da nossa realidade para ser algo atrativo e interessante.

As críticas a *Harry Potter*, sejam elas positivas ou negativas, de todo um modo contribuíram para que houvesse uma curiosidade em sua descoberta. A função de analisar e expor diferentes pontos de vista é algo extremamente aceitável e compreensível sobre essa literatura, e pode ser vista como uma das formas que ajudaram a construção dessa popularidade literária durante esses mais de vinte anos.

Harry Potter sempre será lembrado, seja através dos livros, dos filmes, dos produtos criados através do sucesso comercial ou simplesmente pela curiosidade criada por sua vasta narrativa e experiência. A função dessa narrativa talvez não seja a mesma de vinte anos atrás desde sua primeira publicação, mas certamente isso se torna uma concretização subjetiva para cada leitor. Mas um fato é entendermos que existe um diferencial presente nas centenas de páginas que formam os livros, um diferencial presente nas milhares de palavras que desenvolve cada acontecimento, minuciosamente escolhidas, em todas as maneiras, que foram e que conseguem demonstrar que no final, tudo estava bem.

REFERÊNCIAS

- BENGOZI, Bruna. **Somos Todos Poeira de Estrelas, Carl Sagan**. Livro & Café, 2020. Disponível em: <https://livroecafe.com/2020/07/06/somos-todos-poeira-de-estrelas-10-livros-de-carl-sagan/>. Acesso em: 29 de abril de 2022.
- BLOOMSBURY. **Awards and Prizes**. Disponível em: <https://www.bloomsbury.com/uk/discover/harry-potter/j-k-rowling/awards-and-prizes/>. Acesso em: 04 de junho de 2022.
- BUZACOTT-SPEER, Eliza. **The ‘Harry Potter effect’: How seven books changed the face of children’s publishing**. **The ABC**, 2017. Disponível em: <https://www.abc.net.au/news/2017-06-26/harry-potter-effect-how-seven-books-changed-childrens-publishing/8630254>. Acesso em: 30 de abril de 2022.
- CLUTE, John; GRANT, John. **The Encyclopedia of Fantasy**. St. Martin’s Griffin; 1997.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.
- SAGAN, Carl. **Cosmos**. **PBS TV**, 21, EUA, 1980.
- EDWARD, James; MENDLESOHN, Farah. **A Short History of Fantasy**. Middlesex University Press, 2009.
- FRANCISCO, Beatriz M.; NAKAGOME, Patrícia T. **A massa na literatura: A recepção crítica de Harry Potter**. Paraná: Revista Estação Literária (UEL), 2015. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/27103>. Acesso em: 09 de out. de 2021.
- JACOBY, S. **Prazer de ler: a magia de Harry Potter**. Letras de Hoje, v. 37, n. 2, 20 jun. 2013.
- LEIO, LOGO EXISTO. **VEJA**. 2001. Disponível em: <https://bibliaseliteraturas.files.wordpress.com/2012/11/revista-veja-entrevista-harold-bloom.pdf>. Acesso em: 01 de out. de 2022.
- GABRIELLI, Murilo Garcia. **O lugar do fantástico na literatura brasileira**. Itinerários – Revista de Literatura (UERJ). Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2652>. Acesso em: 06 de maio de 2022.
- MACHADO, Felipe. 20 Anos de magia. **ISTOÉ**, 2020. Disponível em: <https://istoe.com.br/20-anos-de-magia/>. Acesso em: 24 de mar de 2022.
- ROSA, M. S. dos S.; SILVA, M. G. da. **Do Livro às Telas: o fantástico em Harry Potter**. Anagrama, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 1-10, 2009. DOI: 10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2009.35420. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35420>. Acesso em: 6 maio. 2022.

ROWLING, Joanne Kathleen. **Harry Potter e a Pedra Filosofal**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica** [tradução Maria Clara Correa Castello]. São Paulo: Perspectiva, 2017.

THE SCOTSMAN. **The Scotsman Reviews Harry Potter**. Edimburgo, Escócia, 1997. Disponível em: <https://www.scotsman.com/arts-and-culture/books/archives-scotsman-reviews-harry-potter-28-june-1997-1446777>. Acesso em: 24 de set. de 2022.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**; tradução de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

WINERIP, Michael. Children's Books. **The New York Times**, 1999. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1999/02/14/books/children-s-books-199338.html>. Acesso em: 30 de abril de 2022.